

Algumas Reflexões sobre a Conversão do Mundo¹

1. Como se coloca hoje o problema da conversão do mundo. O Mundo nascente

O Cristianismo se defronta, no momento atual, com um caso absolutamente novo. Nas origens, tratava-se para ele de conquistar e transformar um Mundo *agonizante*. Mais tarde coube-lhe a missão, relativamente fácil, de organizar o Mundo da civilização europeia, que dele nascera. Neste momento (e a partir do Renascimento, em suma) se manifesta um novo impulso humano, surgido no seio, mas não sob o signo da Igreja. Após o Mundo greco-romano e o mundo medieval, aparece um terceiro Mundo, o Mundo moderno, que se desenvolve à margem do Cristianismo, e com um potencial humano mais forte que este último: não é, com efeito, do «espírito moderno» que derivam todos os élan e todas as iniciativas recentes da Terra?

Não se fala aqui de heresias, nem de cismas, nem mesmo de paganismo. Os pagãos, no sentido tradicional do termo, eram ou são «residuais». Diante de nós existe agora uma corrente humana *nascente*.

Situação nova e que exige um novo método de abordagem e de conversão nova.

2. Caráter aparentemente anticristão do Mundo nascente: o Conflito das duas Religiões

Para compreender completamente o problema e determinar sua solução, convém analisar mais longamente o espírito do Mundo nascente (considerado, é claro, em sua parte viva e progressiva, a única que poderia rivalizar com a Igreja).

Teoricamente, este Mundo poderia ter-se formado e crescido crente. Qual o motivo de sua emancipação? Porquê a criança procura agora escapar à própria mãe e separar-se dela?

Vejo a razão deste antagonismo entre Cristianismo e Modernismo nas duas descobertas essenciais de onde saiu e das quais permanece impregnado o espírito moderno:

a) Descoberta, em primeiro lugar, da imensidão ligada do Espaço, introduzindo em nossa mundividência habitual uma nota de *Universalismo*;

b) Descoberta, em segundo lugar, da imensidão ligada (e progressiva) da *Duração*, introduzindo por sua vez em nossas perspectivas habituais a nota de possível Progresso ilimitado (Futurismo).

Universalismo e Futurismo, combinando-se na percepção de um Universo em crescimento global (Evolução). Em si, esses dois caracteres constituem por sua aparição

¹ Este texto faz parte do volume “Ciência e Cristo”, P. Teilhard de Chardin, ed. Vozes, Petrópolis, Brasil, 1974

Como este relatório fora solicitado por um membro da delegação apostólica na China, que desejava comunicá-lo a uma personalidade romana, o original dizia: "Para uso de um Príncipe da Igreja".

um grande acontecimento psicológico, pois equivalem à aquisição de duas novas dimensões por nossa experiência. Mais ainda. Por natureza, definem uma *religião*, pois o «religioso» aparece (por definição) uma vez que o Mundo é considerado na sua totalidade e na sua consumação futura («fé»).

Ora, esta religião nascente (eis o ponto capital) não parece, à primeira vista, harmonizar-se com o Cristianismo. Não que também este não seja, essencialmente, «universalista e futurista». Mas é que esses dois termos são compreendidos, por um e por outra, em sentidos aparentemente diferentes. Por natureza, o universalismo e o futurismo do Mundo moderno são de tendência panteísta, imanentista, organicista, evolutiva... ao passo que os do Cristianismo são sobretudo expressos em termos de personalidade, transcendência, relações jurídicas e fixismo.

Daí o conflito atual em sua essência. Em torno de nós, a verdadeira luta não se trava entre crentes e não-crentes — mas entre dois tipos de crentes. Defrontam-se dois ideais, duas concepções do Divino. Os melhores (e portanto os mais perigosos) anti-cristãos não se afastam do Cristianismo por ser este demasiadamente difícil — mas por não lhes parecer suficientemente belo. Se não admitem Cristo, é por não reconhecerem n'Ele os traços daquilo que adoram e esperam. Está se formando uma Religião da Terra contra a Religião do Céu. Eis a situação de fundo — na sua gravidade mas também nas suas esperanças.

3. Método geral para resolver o conflito: Não a condenação mas o Batismo

Em face deste conflito entre a fé cristã e a fé moderna, que devemos fazer para salvar o Mundo?

a) Uma primeira solução consistiria em rejeitar, condenar e suprimir (se possível) a nova religião como uma proliferação diabólica. Tal método já foi experimentado, de facto, mas com resultados que só podiam ser positivamente maus. Não só é uma tentativa impossível deter o movimento moderno (pois este movimento se acha ligado ao próprio desenvolvimento da consciência humana) — mas esse gesto teria em si mesmo algo de injusto e anti-cristão: por mais condenáveis que sejam inúmeras formas assumidas pela «fé no Mundo», precedem de um inegável esforço de fidelidade à vida (isto é, à ação criadora de Deus) que se deve respeitar. De fato, o movimento que é nada menos que uma transformação em curso na *anima naturaliter religiosa* de todo o género humano já penetrou, como era inevitável, no próprio Cristianismo. Os Cristãos, em consequência de uma transformação inerente à massa humana de que fazem parte, já não podem mais adorar exatamente como se fazia outrora (antes da aparição do Espaço e do Tempo). Daí esta insatisfação secreta de tantos fiéis com um Cristianismo que lhes manda suspeitar das concepções e esperanças que não pode deixar de compartilhar. Daí também suas inquietudes numa fé que se julga ameaçada por todas as renovações e pelas ampliações de perspectivas que o Homem vai adquirindo do Universo. Muitos Cristãos começam a sentir que a imagem que se lhes apresenta de Deus já não é digna do Universo que conhecemos.

b) Sendo assim, apresenta-se outra solução ao espírito como mais satisfatória e mais

eficaz que a «condenação». Seria a seguinte: descobrir e mostrar que, na sua essência, a moderna «Religião da Terra» não é outra coisa senão um élan para o Céu que se desconhece — de sorte que as energias que parecem tão ameaçadoras à Igreja são, pelo contrário, um novo afluxo que pode reavivar o velho fundo cristão. Não condenar — mas batizar e assimilar. Claro que o Mundo nascente (o único que interessa) seria virtualmente convertido de uma só vez caso se reconhecesse que a nova divindade que ele adora é precisamente o Deus cristão mais profundamente compreendido. Será possível esta conjunção dos dois astros divinos? Sim — creio eu — e eis as etapas pelas quais ela se poderia **efetuar**.

4. Uma Síntese do Novo e do Velho: o Cristo Universal

Se queremos atingir e examinar em suas profundezas a corrente religiosa moderna, parecem-me necessários três passos, ligados entre si:

a) Um primeiro passo consistiria em desenvolver (na linha da «*Philosophia perennis*»: primado do Ser, Ato e Potência) uma Física e Metafísica corretas da Evolução. Tenho plena convicção de que a interpretação leal das novas conquistas da Ciência e do Pensamento conduz legitimamente não a um evolucionismo materialista mas a um Evolucionismo espiritualista. O Mundo que conhecemos não se desenvolve ao acaso, mas é estruturalmente dominado por um *Centro Pessoal* de convergência universal.

b) O segundo passo, agora dogmático, consistiria então em explicitar uma Cristologia proporcionada às dimensões atualmente reconhecidas do Universo: isto é, em reconhecer que Cristo, além de seus atributos estritamente humanos e divinos (sobretudo considerados até aqui pelos teólogos), possui, em virtude do mecanismo da Encarnação, atributos «universais» ou «cósmicos» que o constituem precisamente o Centro pessoal entrevisto e exigido pela Física e pela Metafísica da Evolução. Tais perspectivas se acham em surpreendente harmonia com os textos mais fundamentais de São João e São Paulo, e com a teologia dos Padres gregos.

c) Um terceiro passo, místico e moral, efetuar-se-ia então automaticamente, e consistiria em desenvolver um Evangelismo de conquista humana. É impossível, com efeito, que o Cristo se manifeste mais explicitamente como o ápice da evolução universal sem que os cristãos descubram mais claramente o valor sobrenatural do Esforço humano *in Christo Iesu*. Podia parecer outrora que o caminho mais direto para o Céu era aquele que abandonava o mais rápido possível a Terra. Eis que o Cristo Universal nos leva a compreender que o Céu só pode ser atingido através da consumação da Terra e do Mundo (que se tornaram muito maiores e inacabados do que imaginávamos): e, ao mesmo tempo, as atitudes fundamentais cristãs, sem desviar-se, ficam enriquecidas e se «dinamizam».

A Cruz não é apenas o símbolo da expiação, mas também o sinal do crescimento através da dor.

O desapego não consiste exatamente em desprezar e rejeitar, mas em atravessar e sublimar.²

A resignação é apenas a forma derradeira da luta contra o Mal — a transformação em Deus das derrotas inevitáveis.

A Caridade não nos pede somente que pensemos as feridas: incita-nos a construir, a partir desta terra, um Mundo melhor, e a nos lançarmos, na linha de frente, em todo combate por um incremento da Humanidade. «*Plus et ego...*»

E a salvação pessoal é interessante, não precisamente por que nos deve beatificar, mas porque nos faz salvar em nós mesmos o Mundo.

Assim, sobre o tríptico domínio do Pensamento filosófico, do Dogma e da Moral, desenvolver-se-ia um Cristianismo rejuvenescido pela manifestação do Cristo Universal. Ora, claro é que:

1) Tal religião se encontra exatamente na linha daquilo que o Mundo moderno espera como seu Deus e considera sua forma específica de adoração: Um Deus que justifica, coroa e recebe como suprema homenagem o trabalho, sempre em curso («*adhuc parturit*»), da consumação humana, mesmo terrestre.

2) E, no entanto, essa mesma religião não representa de forma alguma um compromisso entre o Cristianismo e o Mundo moderno. Ao se universalizar, Cristo não se perde (como acontecia nas formas condenadas de modernismo) no meio do Universo: mas domina-o e assimila-o, impondo-lhe os três caracteres essenciais de sua verdade tradicional: natureza *pessoal* do Divino; manifestação desta Personalidade suprema no Cristo *da história*; natureza *supraterrestre* do Mundo consumado em Deus. O Cristo «universalizado» capta, corrigindo-as e completando-as, as energias inegavelmente dissimuladas nos panteísmos modernos. Cresce permanecendo idêntico ao que era — ou, melhor dizendo, *para* permanecer aquilo que era.

E, com efeito, quanto mais se reflete sobre este ponto, tanto melhor se percebe que «universalizar» o Cristo é a única maneira que temos de conservar-lhe os atributos essenciais (alfa e ómega) numa Criação prodigiosamente ampliada. O Cristianismo, para conservar seu posto à frente da Humanidade, deve explicitar-se numa espécie de «pan-Cristismo», e este não é de facto mais que a noção (levada às últimas consequências) de Corpo Místico, e a extensão ao Universo dos atributos já reconhecidos (sobretudo socialmente) ao Cristo-Rei.

5. É possível uma nova Era para o Cristianismo: Liberação interna e Expansão

Explicitando os esplendores do Cristo-Universal, o Cristianismo, sem deixar de ser para a Terra a água que purifica e o bálsamo que suaviza, adquire uma nova virtude. Pelo simples facto de apresentar uma Meta ao mesmo tempo *imensa, concreta e segura* às aspirações da Terra, salva-a da desordem, das incertezas e do desgosto que são os mais terríveis perigos do futuro. Torna-se a chama do Esforço humano. Noutras palavras,

² Noutras palavras, privação não significa mais sinónimo de perfeição.

revela-se como a forma de Fé mais adequada às necessidades modernas: uma religião para o Progresso, a própria Religião do progresso da Terra: ousaria dizer até, a própria religião da Evolução.

Tenho a firme certeza de que uma Epifania desse tipo seria o sinal, para o Cristianismo, de um vasto movimento de liberação interior e expansão.

a) Liberação interior. Dizíamos acima: muitos cristãos se sentem sufocados e humilhados numa Fé que parece muitas vezes esmerar-se em desacreditar e arrefecer seus entusiasmos de renovação terrestre. Que expansão na Igreja se, em nome desta mesma fé (agora como um agulhão, não simplesmente como freio), se sentissem lançados, para o domínio universal de Cristo, à conquista total do Mundo!

b) E que revelação, igualmente, da potência cristã fora da Igreja! É fora de dúvida que o Cristianismo não progride mais na velocidade desejável. Embora nunca tenha sido tão plenamente organizado o esforço de propagação da fé, podemos perguntar se, no conjunto, por sua elite e por suas forças vivas, o Mundo neste momento se está aproximando ou se afastando mais de Cristo.

Segundo penso, esta situação se deve a uma causa bem definida: «O Cristianismo, sob a forma como o pregamos, não é suficientemente contagiante». Não nos compreendem. Quantas vezes ouvi incrédulos que me diziam, com toda a sinceridade: «Se eu me tornasse cristão, teria a impressão de me diminuir». Ou ainda: «Temos tamanha necessidade de outra revelação!» O Cristo que se oferece não apenas como a salvação da alma «sobrenatural», mas de toda a construção física que condiciona as almas; o Cristo que se apresenta não perdido entre as nuvens, mas transbordante das energias do Mundo no qual imergiu («*Christus amictus mundo*»); o Cristo não condenador mas Salvador do Mundo moderno e de suas esperanças no futuro: este Cristo atrairia imediatamente a si toda a parte viva da Humanidade. Seu amor se propagaria da única maneira que convém à verdadeira religião: como fogo.

Para converter o Mundo é mister que nós, cristãos, multipliquemos nossos missionários. Mas devemos, antes de mais nada, repensar, *com toda a nossa humanidade*, a nossa Religião.

6. Um passo decisivo a dar: o Otimismo cristão

Disse-o agora há pouco: «Com toda a nossa humanidade». E de propósito, a fim de acentuar que, no momento presente, parece-me essencial orientar para o Cristianismo as forças hesitantes que vão nascendo em torno de nós: *oxalá o Cristianismo aceite, afinal, sem reticências, as novas dimensões (espaciais, temporais, psicológicas) do Mundo que nos cerca!*

Não desconheço, sem dúvida, os gestos multiplicados, nestes últimos tempos, pela Igreja para reconciliar-se com o Mundo moderno. Mas reconciliação não significa aceitação. Atrás das concessões particulares feitas pelo Cristianismo receia-se (falo aqui sobretudo dos Gentios) perceber sempre a mesma oposição, ou ao menos a mesma desconfiança, fundamental: como se a Igreja não desejasse comprometer-se como se, a nível mais profundo que os estímulos de pormenores, se dissimulasse a mesma ressalva: «No

fundo, não existe nada e jamais haverá coisa alguma de novo debaixo do sol. Nada poderia mudar a face da Terra. A Terra não se acha de resto oprimida e desfigurada pela Queda original?» Sempre se pensa em «*mundus senescens*»³, em «*mundus frigescens*»⁴, mas nunca em «*mundus nascens*»...⁵ Em suma, embora aceitando verbalmente alguns resultados e algumas perspectivas do Progresso, a Igreja parece que «não crê nele». Por vezes ela abençoa. Mas não põe aí o seu coração.

Ora, as consequências de tal ceticismo (ou mesmo deste pessimismo) humano são de molde a paralisar inteiramente o movimento de conversão do Mundo.

De um lado, os incrédulos de fora continuam nos considerando insinceros. Evitam-nos ou nos odeiam, pois não sofremos, nem trabalhamos, nem esperamos com eles.

Por outro lado, os fiéis de dentro continuam sentindo-se pouco à vontade, debatendo-se entre sua fé e suas evidências ou aspirações naturais. E, por conseguinte, acham-se enfraquecidos para assimilar as forças humanas que os rodeiam.

Só é possível converter aquilo que se ama: se o Cristão não se acha em plena simpatia com o mundo nascente; se *não experimenta* em si mesmo as aspirações e ansiedades do mundo moderno, se não deixa crescer no seu ser o sentimento humano — jamais realizará a síntese libertadora entre a Terra e o Céu de onde pode surgir a parusia do Cristo Universal. Mas continuará se aterrorizando e condenando quase indistintamente toda novidade, sem discernir, entre as deficiências e os males, os esforços sagrados de um nascimento.

Imergir, para emergir e soerguer. Participar para sublimar. Eis a própria lei da Encarnação. Um dia, já lá vão mil anos, os Papas se despediram do Mundo romano e resolveram «dirigir-se aos Bárbaros». Não se espera um gesto semelhante, e ainda mais profundo, para nossos dias?

Creio que o Mundo não se converterá às esperanças celestes do Cristianismo, a não ser que o próprio Cristianismo, previamente, se converta (para divinizá-las) às esperanças da Terra.

Pequim, 9 de outubro de 1936.

³ Mundo que envelhece (N. E.)

⁴ Mundo que se esfria (N.E.).

⁵ Mundo nascente, em processo de nascimento (N.E.).